



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

Feminicídio e falhas nos processos de simbolização: uma leitura psicanalítica da violência extrema

Femicide and failures in symbolization processes: a psychoanalytic reading of extreme violence

Femicidio y fallas en los procesos de simbolización: una lectura psicoanalítica de la violencia extrema

Roseane Maria Batista Martins

Faculdade de Ciências Humanas ESUDA

Pós Graduação em Saúde Pública, Saúde Mental e Dependência Química

Recife, PE - Brasil

rrbmartins@gmail.com

RESUMO

O feminicídio constitui uma das expressões mais extremas da violência interpessoal contemporânea, desafiando abordagens exclusivamente normativas e exigindo leituras que considerem os determinantes subjetivos implicados no ato violento. Este artigo tem como objetivo analisar o feminicídio a partir das falhas nos processos de simbolização, à luz da Psicanálise e da Psicopatologia Fundamental. Trata-se de um estudo teórico, de natureza qualitativa, fundamentado na análise conceitual de produções clássicas e contemporâneas do campo psicanalítico. A discussão evidencia que a violência extrema contra a mulher pode ser compreendida como culminância de impasses subjetivos nos quais a palavra perde sua função mediadora, favorecendo a passagem ao ato e a ruptura do laço simbólico. Os resultados teóricos indicam que dificuldades na elaboração da alteridade, fragilidades narcísicas e precariedade na internalização da lei simbólica constituem eixos centrais na compreensão do feminicídio enquanto manifestação de sofrimento psíquico profundo. Conclui-se que a Psicanálise oferece contribuições relevantes para a compreensão clínica da violência extrema, ao evidenciar os limites da simbolização e a complexidade dos processos subjetivos envolvidos, sem relativizar a gravidade ética e social do fenômeno.

Palavras-chave: feminicídio; psicanálise; violência extrema; simbolização; sofrimento psíquico.

ABSTRACT

Femicide constitutes one of the most extreme expressions of contemporary interpersonal violence, challenging exclusively normative approaches and demanding interpretations



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

that consider the subjective determinants involved in the violent act. This theoretical article aims to analyze femicide from the perspective of failures in symbolization processes, grounded in Psychoanalysis and Fundamental Psychopathology. The study adopts a qualitative theoretical approach, based on the conceptual analysis of classical and contemporary psychoanalytic literature. The discussion indicates that extreme violence against women can be understood as the culmination of subjective impasses in which language loses its mediating function, giving way to acting out and the rupture of the symbolic bond. The theoretical findings highlight difficulties in recognizing alterity, narcissistic fragilities, and shortcomings in the internalization of symbolic law as central axes for understanding femicide as an expression of profound psychic suffering. It is concluded that Psychoanalysis offers relevant contributions to the clinical comprehension of extreme violence by illuminating the limits of symbolization and the complexity of the subjective processes involved, without minimizing the ethical and social gravity of the phenomenon.

Keywords: femicide; psychoanalysis; extreme violence; symbolization; psychic suffering.

RESUMEN

El feminicidio constituye una de las expresiones más extremas de la violencia interpersonal contemporánea, cuestionando abordajes exclusivamente normativos y exigiendo lecturas que consideren los determinantes subjetivos implicados en el acto violento. Este artículo teórico tiene como objetivo analizar el feminicidio a partir de las fallas en los procesos de simbolización, desde el marco de la Psicoanálisis y la Psicopatología Fundamental. Se trata de un estudio de naturaleza cualitativa, basado en el análisis conceptual de producciones clásicas y contemporáneas del campo psicoanalítico. La discusión evidencia que la violencia extrema contra las mujeres puede comprenderse como la culminación de impases subjetivos en los cuales el lenguaje pierde su función mediadora, favoreciendo el pasaje al acto y la ruptura del lazo simbólico. Los resultados teóricos señalan que las dificultades en el reconocimiento de la alteridad, las fragilidades narcisistas y la precariedad en la internalización de la ley simbólica constituyen ejes centrales para comprender el feminicidio como manifestación de un profundo sufrimiento psíquico. Se concluye que el Psicoanálisis aporta contribuciones relevantes para la comprensión clínica de la violencia extrema, al evidenciar los límites de la simbolización y la complejidad de los procesos subjetivos implicados, sin relativizar la gravedad ética y social del fenómeno.

Palabras clave: feminicidio; psicoanálisis; violencia extrema; simbolización; sufrimiento psíquico.

1 INTRODUÇÃO



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

O feminicídio configura-se como uma das expressões mais extremas da violência interpessoal contemporânea, ultrapassando a dimensão jurídico-penal e convocando reflexões no campo da Psicologia e da Psicanálise. Embora os avanços legislativos tenham sido fundamentais para o reconhecimento social da violência contra a mulher, a persistência desses crimes evidencia limites das abordagens normativas quando não acompanhadas de uma compreensão mais aprofundada dos determinantes psíquicos implicados no ato violento (Birman, 2019). A recorrência do feminicídio indica impasses que não se esgotam na esfera da lei, exigindo leituras que considerem a economia subjetiva dos sujeitos envolvidos.

No campo psicanalítico, a violência não é concebida como elemento externo ao psiquismo, mas como possibilidade inscrita na própria constituição do sujeito. Desde as formulações freudianas, a agressividade é compreendida como dimensão estrutural da vida psíquica, cuja elaboração depende dos processos de simbolização que permitem a mediação entre pulsão, linguagem e lei (Freud, 1915). Quando tais processos se fragilizam, a agressividade tende a perder sua função mediadora e pode emergir sob a forma de violência destrutiva.

A introdução da noção de pulsão de morte aprofundou essa compreensão ao evidenciar que o psiquismo é atravessado por forças que resistem à simbolização e à ligação representacional. Nessas condições, a violência extrema pode ser entendida como manifestação de falhas na articulação entre pulsão, palavra e limite, favorecendo a irrupção do ato quando a linguagem deixa de operar como mediadora do conflito (Freud, 1920).

Os processos de simbolização ocupam, portanto, lugar central na compreensão da violência extrema. A simbolização permite ao sujeito representar a experiência pulsional, instaurando limites entre o eu e o outro e sustentando o laço social. Quando esses processos se mostram precários, observa-se a tendência à passagem ao ato, compreendida como ruptura do campo simbólico e tentativa de resolução imediata de conflitos psíquicos vivenciados como insuportáveis (Lacan, 1962–1963).



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

No caso do feminicídio, essa ruptura incide de modo particular sobre a relação com a alteridade feminina. A literatura psicanalítica aponta que a dificuldade de reconhecimento da diferença e da perda pode mobilizar respostas violentas quando o feminino é vivenciado como ameaça à integridade narcísica do sujeito (Kehl, 2016). O ato violento emerge, assim, como expressão de fragilidades profundas na constituição do eu e na internalização da lei simbólica.

A Psicopatologia Fundamental contribui para essa leitura ao deslocar o foco das classificações diagnósticas para o pathos, entendido como sofrimento psíquico que atravessa a condição humana. Nessa perspectiva, o feminicídio pode ser compreendido como expressão de falhas estruturais na simbolização, sem que isso implique relativizar sua gravidade ética e social (Birman, 2014).

Diante desse cenário, o presente artigo tem como objetivo analisar o feminicídio a partir das falhas nos processos de simbolização, articulando contribuições da Psicanálise e da Psicopatologia Fundamental. Ao adotar uma abordagem teórica, busca-se compreender a violência extrema contra a mulher como expressão de impasses subjetivos profundos, nos quais a palavra cede lugar ao ato e o laço simbólico se rompe.

2 VIOLÊNCIA EXTREMA, AGRESSIVIDADE E OS LIMITES DA SIMBOLIZAÇÃO

A Psicanálise compreende a agressividade como elemento constitutivo da vida psíquica, não como desvio patológico em si, mas como força que exige mediação simbólica para não se converter em violência destrutiva. Desde as formulações freudianas, a agressividade é entendida como parte inerente das tensões pulsionais que atravessam o sujeito e se articulam às exigências da vida em sociedade. Quando mediada por processos simbólicos suficientemente consistentes, essa agressividade pode ser deslocada, transformada ou sublimada, preservando o sujeito no campo da linguagem e do laço social (Freud, 1915).



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

Entretanto, a clínica psicanalítica evidencia que tais mediações não se organizam de maneira homogênea em todos os sujeitos. Em determinadas configurações psíquicas, observa-se uma precariedade significativa dos recursos de simbolização, o que compromete a capacidade de elaboração dos conflitos pulsionais. Nessas condições, a agressividade deixa de encontrar vias representacionais e tende a ser descarregada diretamente pela via da ação. A violência não se apresenta, assim, como escolha consciente ou cálculo racional, mas como resposta imediata a um excesso psíquico vivido como intolerável (Green, 1990).

A introdução da noção de pulsão de morte aprofundou essa compreensão ao evidenciar que o psiquismo é atravessado por forças que resistem à ligação simbólica e à elaboração representacional. Quando essas forças não encontram destinos psíquicos possíveis, a violência extrema pode emergir como tentativa de descarga pulsional. O ato violento não opera como comunicação, mas como ruptura, evidenciando falhas na articulação entre pulsão, lei e linguagem (Freud, 1920).

Os limites da simbolização tornam-se, assim, centrais para a compreensão da violência extrema. A simbolização não se reduz à nomeação cognitiva da experiência, mas envolve a inscrição da lei, da falta e da alteridade no aparelho psíquico. Quando esses operadores se mostram frágeis, o sujeito encontra dificuldades em sustentar frustrações, separações e perdas, favorecendo respostas violentas diante de situações que ameaçam sua organização narcísica (Aulagnier, 1979).

Nesse sentido, a violência extrema pode ser compreendida como efeito de um colapso simbólico que compromete a sustentação do laço social. A agressividade, desprovida de mediação, perde sua função estruturante e passa a assumir caráter destrutivo. Tal leitura não elimina a responsabilidade ética pelo ato, mas permite compreender suas raízes psíquicas, deslocando a análise de explicações exclusivamente morais para uma leitura clínica dos impasses subjetivos implicados (Birman, 2014)

2.1 PASSAGEM AO ATO, ALTERIDADE E A DESTRUIÇÃO DO LAÇO



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

SIMBÓLICO NO FEMINICÍDIO

A noção de passagem ao ato ocupa lugar central na compreensão psicanalítica da violência extrema, sobretudo quando o ato se apresenta como ruptura radical com o campo da linguagem. Diferentemente de manifestações que ainda preservam algum endereçamento ao Outro, a passagem ao ato implica a saída abrupta da cena simbólica, evidenciando a falência dos recursos representacionais. O sujeito não consegue sustentar o conflito no plano da palavra e recorre à ação como única via possível de resolução psíquica (Lacan, 1962–1963).

No feminicídio, essa ruptura assume contornos específicos ao incidir diretamente sobre a relação com a alteridade feminina. A diferença sexual, longe de ser apenas um dado biológico, mobiliza operações simbólicas complexas relacionadas à perda, à castração e aos limites do narcisismo. Quando essas operações não se organizam de modo suficientemente elaborado, a mulher pode ser vivenciada como ameaça à integridade psíquica do sujeito, especialmente em contextos de separação, frustração ou perda de controle.

A dificuldade de reconhecimento da alteridade revela-se, nesse contexto, como elemento central. Em determinadas organizações psíquicas, o outro não é reconhecido enquanto sujeito de desejo, mas reduzido a objeto de sustentação narcísica. Quando esse objeto falha em cumprir tal função, a agressividade pode ser mobilizada como tentativa extrema de anulação da diferença. O ato violento surge, assim, como defesa frente à experiência de desamparo e à ameaça de desorganização subjetiva (Green, 1990).

A destruição do outro, no feminicídio, não se limita à eliminação física, mas expressa a impossibilidade de inscrição simbólica da alteridade. O feminino passa a ocupar o lugar do irrepresentável, daquilo que não pode ser simbolizado nem integrado à economia psíquica do sujeito. A violência extrema emerge como tentativa de erradicar essa alteridade intolerável, evidenciando falhas profundas na internalização da lei simbólica e na constituição dos limites psíquicos (Aulagnier, 1979).



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

Sob a perspectiva da Psicopatologia Fundamental, o feminicídio pode ser compreendido como expressão do pathos, entendido como sofrimento psíquico que atravessa o sujeito e se manifesta de forma disruptiva quando os recursos simbólicos se mostram insuficientes. Essa abordagem permite compreender o ato violento não como evento isolado, mas como culminância de um funcionamento psíquico marcado por precariedade representacional e ruptura do laço simbólico (Birman, 2014).

2.2 FEMINICÍDIO, SOFRIMENTO PSÍQUICO CONTEMPORÂNEO E IMPASSES DA SUBJETIVAÇÃO

As transformações sociais e culturais das últimas décadas incidem diretamente sobre os modos contemporâneos de subjetivação, produzindo formas de sofrimento psíquico marcadas por instabilidade identitária, fragilidade narcísica e dificuldade de elaboração da perda. Autores contemporâneos da Psicanálise destacam que o enfraquecimento das referências simbólicas tradicionais amplia os riscos de respostas violentas diante de frustrações e rupturas, sobretudo quando o sujeito não dispõe de recursos representacionais suficientes para elaborar o mal-estar (Birman, 2019).

A clínica atual evidencia um aumento expressivo de manifestações de sofrimento associadas à falha da mediação simbólica, nas quais o conflito psíquico tende a ser externalizado pela via da atuação. A violência surge, nesses casos, não apenas como ato isolado, mas como modo de funcionamento que responde à impossibilidade de simbolizar experiências de perda, separação e limite. O feminicídio pode ser compreendido, assim, como expressão extrema desse tipo de funcionamento, no qual o ato ocupa o lugar da palavra.

O narcisismo assume papel central nesse cenário. A constituição de um eu excessivamente dependente de confirmações externas torna o sujeito particularmente vulnerável às experiências de fratura narcísica. Quando o outro — especialmente a parceira — deixa de cumprir a função de sustentação identitária, a agressividade pode ser



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

mobilizada como defesa frente à ameaça de desintegração psíquica. A violência opera, então, como tentativa desesperada de restauração narcísica (Kehl, 2016).

No contexto do feminicídio, esses impasses articulam-se às construções contemporâneas das masculinidades. Estudos recentes indicam que determinadas formas de masculinidade permanecem rigidamente associadas a ideais de domínio, posse e controle, dificultando a elaboração simbólica da separação e da perda. Quando esses ideais entram em colapso, o recurso à violência pode surgir como tentativa de preservar uma identidade ameaçada, revelando a fragilidade dos processos de simbolização que sustentam tais posições subjetivas (Zanello, 2018).

A Psicopatologia Fundamental contribui para essa leitura ao enfatizar que o sofrimento psíquico contemporâneo deve ser compreendido em articulação com o contexto social e cultural. O feminicídio expressa, simultaneamente, impasses subjetivos singulares e efeitos de um cenário social que fragiliza os dispositivos simbólicos de contenção da violência. A ausência de mediações simbólicas eficazes amplia o risco de que conflitos psíquicos sejam resolvidos pela via da atuação destrutiva (Birman, 2020).

2.3 CLÍNICA, PREVENÇÃO E OS LIMITES DA INTERVENÇÃO DIANTE DA VIOLÊNCIA EXTREMA

A leitura psicanalítica do feminicídio, ao evidenciar falhas profundas nos processos de simbolização e na sustentação do laço simbólico, coloca em questão os limites e as possibilidades de intervenção clínica diante da violência extrema. Diferentemente de abordagens normativas ou prescritivas, a Psicanálise não se orienta pela lógica da correção do comportamento, mas pela compreensão dos impasses subjetivos que sustentam o ato. Nesse sentido, o feminicídio desafia a clínica ao confrontá-la com situações em que a palavra já não opera como mediadora, revelando o esgotamento dos recursos simbólicos do sujeito (Birman, 2019).

A clínica contemporânea aponta que a prevenção da violência extrema não pode ser pensada apenas a partir do momento do ato, mas exige atenção aos sinais de



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

precariedade simbólica que se manifestam muito antes da passagem ao ato. Dificuldades persistentes de elaboração da perda, rigidez narcísica, intolerância à frustração e recusa da alteridade aparecem, na experiência clínica, como indicadores de risco que demandam escuta qualificada e intervenções precoces. A violência não emerge de forma abrupta, mas se inscreve em trajetórias subjetivas marcadas por impasses reiterados de simbolização (Kehl, 2016).

Entretanto, é necessário reconhecer os limites da clínica diante de atos extremos. Nem todo sofrimento psíquico é acessível à elaboração simbólica no tempo necessário para impedir a atuação violenta. A Psicanálise, ao reconhecer esses limites, evita a ilusão de controle absoluto sobre o sujeito e mantém uma posição ética que não confunde compreensão com absolvição. O reconhecimento da responsabilidade pelo ato permanece inegociável, ainda que se busque compreender seus determinantes psíquicos (Birman, 2014).

No campo das políticas públicas e da saúde mental, essa perspectiva implica a necessidade de dispositivos que favoreçam a simbolização do conflito antes que ele se transforme em violência. Espaços de escuta, acompanhamento psicológico contínuo e intervenções voltadas às questões de gênero e masculinidade mostram-se fundamentais para a construção de mediações simbólicas mais consistentes. A contribuição da Psicanálise, nesse contexto, não reside em oferecer soluções imediatas, mas em sustentar uma leitura clínica capaz de iluminar os pontos de falha onde a violência se engendra.

Assim, ao abordar o feminicídio como expressão de falhas nos processos de simbolização, este trabalho reafirma a importância de uma escuta clínica atenta às formas contemporâneas de sofrimento psíquico. A violência extrema não pode ser eliminada apenas por dispositivos normativos, mas exige intervenções que considerem a complexidade do sujeito e os limites estruturais da simbolização. Reconhecer esses limites não significa recuar diante da gravidade do fenômeno, mas assumir uma posição ética e clínica que sustente a palavra onde ela ainda é possível.



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

3 METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa teórica, de natureza qualitativa, fundamentada na análise conceitual e interpretativa de produções clássicas e contemporâneas do campo da Psicanálise e da Psicopatologia Fundamental. Trata-se de um artigo que não se propõe à coleta de dados empíricos, mas à elaboração teórica crítica, orientada pela compreensão do feminicídio como expressão de falhas nos processos de simbolização e de ruptura do laço simbólico.

A metodologia adotada baseia-se na revisão teórica analítica, privilegiando textos que abordam a agressividade, a violência extrema, a passagem ao ato, a simbolização e o sofrimento psíquico contemporâneo. A seleção do referencial não seguiu critérios quantitativos, mas qualitativos, considerando a relevância conceitual, a consistência teórica e a contribuição efetiva dos autores para a compreensão dos fenômenos em análise. Foram priorizadas obras reconhecidas no campo psicanalítico e amplamente utilizadas na literatura especializada, bem como produções contemporâneas que dialogam com os impasses da subjetivação na atualidade.

O procedimento metodológico consistiu na leitura sistemática e interpretativa dos textos selecionados, com atenção às articulações conceituais entre agressividade, simbolização, alteridade e ato violento. A análise foi conduzida de forma comparativa e articulada, buscando identificar convergências e tensões teóricas que permitissem aprofundar a compreensão do feminicídio para além de explicações normativas ou exclusivamente sociológicas. Esse movimento interpretativo possibilitou a construção de eixos analíticos que orientaram a organização do referencial teórico e a discussão dos resultados.

A interpretação dos textos foi realizada a partir de uma perspectiva clínica, compreendendo os conceitos psicanalíticos não como categorias abstratas, mas como operadores teóricos que emergem da experiência clínica e do confronto com o sofrimento psíquico. Essa abordagem permitiu analisar o feminicídio como manifestação extrema de



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

impasses subjetivos, sem reduzir o fenômeno a categorias diagnósticas ou a modelos causais lineares.

A organização dos resultados seguiu uma lógica temático-conceitual, na qual os principais achados teóricos foram agrupados em eixos relacionados às falhas de simbolização, à passagem ao ato, à dificuldade de reconhecimento da alteridade e aos impasses contemporâneos da subjetivação. Esses eixos foram posteriormente discutidos à luz da Psicanálise e da Psicopatologia Fundamental, em diálogo com o contexto social e cultural no qual o feminicídio se inscreve.

Por se tratar de uma pesquisa exclusivamente teórica, não houve envolvimento direto de participantes, coleta de dados empíricos ou necessidade de submissão a comitê de ética em pesquisa. Ainda assim, o estudo manteve rigor ético ao tratar o feminicídio como fenômeno de extrema gravidade, evitando abordagens que relativizem o sofrimento das vítimas ou a responsabilidade pelos atos violentos. A escolha metodológica adotada visa contribuir para uma compreensão clínica aprofundada da violência extrema contra a mulher, respeitando os limites e as possibilidades da Psicanálise enquanto campo de saber.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise teórica realizada a partir do referencial psicanalítico permite identificar eixos conceituais recorrentes que iluminam a compreensão do feminicídio como expressão de falhas nos processos de simbolização. Os textos analisados convergem ao apontar que a violência extrema não pode ser compreendida como evento isolado ou exclusivamente reativo, mas como culminância de impasses subjetivos prolongados, nos quais a palavra deixa de operar como mediadora do conflito psíquico. O ato violento emerge, assim, como resposta a um colapso da mediação simbólica, no qual a ação substitui a possibilidade de elaboração representacional (Freud, 1920; Lacan, 1962–1963).



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

Um primeiro eixo identificado refere-se à centralidade da falha simbólica na gênese da violência extrema. A literatura psicanalítica evidencia que a simbolização desempenha papel fundamental na contenção da agressividade, permitindo ao sujeito transformar a excitação pulsional em representação e estabelecer limites entre desejo e ação. Quando esses processos se mostram precários, a agressividade tende a perder sua função estruturante e pode assumir caráter destrutivo. O feminicídio aparece, nesse contexto, como expressão radical dessa falha, na qual o sujeito não dispõe de recursos simbólicos suficientes para sustentar a tensão psíquica decorrente da frustração, da separação ou da perda (Green, 1990).

Outro resultado relevante diz respeito à compreensão da passagem ao ato como operador clínico central para a análise do feminicídio. Os autores examinados indicam que, diferentemente de formas de atuação que ainda preservam algum endereçamento ao Outro, a passagem ao ato implica uma ruptura com o campo da linguagem e do laço simbólico. No feminicídio, essa ruptura se manifesta pela eliminação do outro enquanto sujeito, revelando a impossibilidade de reconhecimento da alteridade. O ato violento não visa comunicar um sofrimento, mas expulsar aquilo que não pode ser simbolizado, evidenciando um funcionamento psíquico marcado pela precariedade representacional (Lacan, 1962–1963).

A dificuldade de reconhecimento da alteridade feminina constitui um eixo fundamental na discussão dos resultados. A literatura psicanalítica aponta que, em determinadas organizações psíquicas, o outro é reduzido à função de sustentação narcísica, perdendo sua condição de sujeito. Quando essa função falha — especialmente em contextos de separação ou ameaça de perda —, a agressividade pode ser mobilizada como defesa extrema frente ao risco de desorganização subjetiva. O feminicídio pode ser compreendido, assim, como tentativa violenta de restauração narcísica, na qual a destruição do outro ocupa o lugar da elaboração simbólica da perda (Kehl, 2016).

Os resultados também evidenciam a importância de situar o feminicídio no contexto do sofrimento psíquico contemporâneo. Autores atuais destacam que as



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

transformações sociais e culturais fragilizam referências simbólicas tradicionais, ampliando as dificuldades de elaboração da frustração e do limite. Nesse cenário, observa-se uma intensificação de formas de sofrimento marcadas pela instabilidade identitária, rigidez narcísica e intolerância à alteridade. A violência extrema surge, assim, como resposta possível quando os dispositivos simbólicos de contenção se mostram insuficientes para sustentar o mal-estar psíquico (Birman, 2019).

A articulação entre feminicídio e construções contemporâneas das masculinidades constitui outro aspecto relevante identificado na análise. Estudos recentes indicam que determinadas formas de masculinidade permanecem rigidamente associadas a ideais de domínio e controle, dificultando a simbolização da separação e da perda. Quando esses ideais entram em colapso, a violência pode surgir como tentativa de preservar uma identidade ameaçada. O feminicídio, nesse sentido, não se reduz a uma questão individual, mas expressa impasses subjetivos que se articulam a configurações culturais específicas, nas quais a diferença feminina é vivenciada como intolerável (Zanello, 2018).

A Psicopatologia Fundamental contribui de modo decisivo para a discussão desses resultados ao deslocar o foco das classificações diagnósticas para o pathos, entendido como sofrimento que atravessa o sujeito e se manifesta de forma singular. Nessa perspectiva, o feminicídio não é interpretado como sintoma isolado ou consequência direta de um transtorno específico, mas como expressão de uma economia psíquica marcada por falhas estruturais na simbolização. Essa leitura permite compreender a violência extrema sem reduzi-la a explicações causalistas ou moralizantes, mantendo a centralidade do sujeito e de sua experiência de sofrimento (Birman, 2014).

Ao mesmo tempo, a análise teórica evidencia os limites da intervenção clínica diante de atos extremos. Embora a Psicanálise ofereça instrumentos potentes para a compreensão dos impasses subjetivos que sustentam a violência, nem todo sofrimento é acessível à elaboração simbólica em tempo hábil para impedir a passagem ao ato. Reconhecer esses limites constitui posição ética fundamental, que evita tanto a ilusão de controle absoluto quanto a naturalização da violência. A responsabilidade pelo ato



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

permanece incontornável, ainda que se busque compreender seus determinantes psíquicos.

Por fim, os resultados discutidos reforçam a importância de abordagens interdisciplinares no enfrentamento do feminicídio. A Psicanálise não substitui as dimensões jurídica e social, mas contribui ao revelar os impasses simbólicos e subjetivos que atravessam o fenômeno. A compreensão das falhas nos processos de simbolização amplia as possibilidades de reflexão no campo da saúde mental e da prevenção da violência extrema, indicando a necessidade de dispositivos que favoreçam a escuta, a elaboração do conflito e o reconhecimento da alteridade antes que o ato violento se imponha como única saída possível.

5 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste artigo permitiu compreender o feminicídio como manifestação extrema de falhas nos processos de simbolização, nas quais a palavra cede lugar ao ato e o laço simbólico se rompe de forma radical. A Psicanálise, ao conceber a violência como possibilidade inscrita na constituição do sujeito, oferece instrumentos teóricos fundamentais para deslocar o fenômeno de explicações exclusivamente normativas ou descritivas, evidenciando os impasses subjetivos que sustentam a passagem ao ato violento.

Os resultados indicam que a violência extrema contra a mulher não pode ser reduzida a respostas reativas ou circunstanciais, mas deve ser compreendida como culminância de um funcionamento psíquico marcado pela precariedade representacional, pela fragilidade na internalização da lei simbólica e pela dificuldade de reconhecimento da alteridade. Nesse cenário, o feminicídio emerge como tentativa desesperada de resolução de conflitos psíquicos vivenciados como insuportáveis, nos quais a destruição do outro ocupa o lugar da elaboração simbólica da perda e da frustração.



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)

Publication: 22/01/2026

DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

A articulação entre falhas de simbolização, passagem ao ato e sofrimento psíquico contemporâneo evidenciou que o feminicídio se inscreve em um contexto mais amplo de fragilização das mediações simbólicas. As transformações sociais e culturais contemporâneas, ao incidirem sobre os modos de subjetivação, ampliam as dificuldades de elaboração do limite, da separação e da diferença, tornando alguns sujeitos particularmente vulneráveis à atuação violenta diante de experiências de fratura narcísica.

A Psicopatologia Fundamental contribuiu de modo decisivo para essa compreensão ao privilegiar o pathos como eixo de análise, permitindo interpretar o feminicídio como expressão de sofrimento psíquico profundo, sem reduzi-lo a categorias diagnósticas ou a modelos causalistas. Tal abordagem não implica relativizar a gravidade ética do ato nem minimizar a responsabilidade do sujeito, mas sustentar uma leitura clínica que reconheça a complexidade dos determinantes psíquicos implicados na violência extrema.

Do ponto de vista clínico e preventivo, este estudo reforça a importância de dispositivos que favoreçam a simbolização do conflito antes que ele se transforme em ato. Espaços de escuta, acompanhamento psicológico contínuo e intervenções voltadas à elaboração da alteridade e da perda mostram-se fundamentais para a construção de mediações simbólicas mais consistentes. A Psicanálise, ao reconhecer tanto suas possibilidades quanto seus limites, contribui para uma posição ética que sustenta a palavra onde ela ainda é possível, sem alimentar a ilusão de controle absoluto sobre o sujeito.

Conclui-se, portanto, que a compreensão do feminicídio exige abordagens que articulem a dimensão social da violência de gênero com a análise dos impasses subjetivos que atravessam o ato violento. Ao evidenciar o papel central das falhas nos processos de simbolização, este artigo busca contribuir para o aprofundamento das reflexões clínicas sobre a violência extrema contra a mulher, ampliando o campo de compreensão e intervenção no âmbito da saúde mental.

REFERÊNCIAS



Edition: Vol. 03 | Nº. 01 | (2026)
Publication: 22/01/2026
DOI: <https://doi.org/10.70579/pl.v3i1.127>

AULAGNIER, Piera. **A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado**. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BIRMAN, Joel. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos (1915)**. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer (1920)**. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GREEN, André. **O discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2016.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 10: a angústia (1962–1963)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

ZANELLO, Valeska. **Masculinidades: cultura, subjetividade e violência**. São Paulo: Appris, 2018.